

## Angra 3, gigante que se apequenou

OLIVEIRA, Flávia. “Angra 3, gigante que se apequenou”. O Globo. Rio de Janeiro, 22 de março de 2019.

A prisão de Michel Temer e Moreira Franco devolveu aos holofotes um dos projetos de infraestrutura mais custosos e malsucedidos do país. Angra 3 é enredo que se arrasta desde os anos 1970. Atravessou a ditadura militar, alcançou a democratização, consumiu bilhões, jamais foi concluída. Hoje no centro do escândalo de corrupção que levou ao cárcere o segundo presidente da República e o quinto governador do Rio de Janeiro, a usina nuclear já consumiu R\$ 7 bilhões em investimentos e ainda precisa do dobro da quantia para ser concluída, segundo estimativa da Eletronuclear para a jornalista Tânia Malheiros, autora do livro “Bomba atômica pra quê — Brasil e energia nuclear”, relançado no ano passado.

A geradora seria a última das três usinas da central nuclear de Angra dos Reis, na paradisíaca Costa Verde fluminense. A primeira delas, Angra 1, com tecnologia americana, entrou em operação em 1985 e bateu recorde de produção em 2016. Angra 2, assim como a 3, é resultado de um acordo de cooperação entre Brasil e Alemanha firmado em 1975, segundo ano de governo do general Ernesto Geisel. O contrato previa a construção de oito usinas em até 15 anos, mas até hoje só Angra 2 foi concluída. Começou a ser construída em 1981 e foi interrompida cinco anos depois. Em 1994, a dois dias de deixar a Presidência, Itamar Franco liberou recursos para reativar o canteiro, mas a usina só começou a operar comercialmente em 2001.

A saga de Angra 3, gêmea da segunda usina, se arrasta há mais tempo. Começou a ser construída em 1984 e teve as obras suspensas dois anos depois. A construção só foi retomada em 2009, durante o segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. À época, a unidade custava ao país US\$ 20 milhões por ano só pela preservação do canteiro. Estima-se que, ao longo do tempo, o Brasil tenha desembolsado R\$ 1 bilhão para conservar as máquinas de Angra 3.

Na decisão de retomar a construção pesaram o custo de manutenção dos ativos; a retomada dos megaprojetos estruturantes do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC); a diversificação da matriz energética pós-apagão de 2001; a demanda do Rio de Janeiro e da Região Sudeste por eletricidade; e uma onda internacional favorável à geração nuclear. O modelo caíra em desgraça no fim do século XX, mas voltou a ganhar força com o debate sobre as emissões de gases do efeito estufa pelos combustíveis fósseis.

Quando tudo dá certo, usinas nucleares poluem menos. Mas o terremoto seguido de tsunami no Japão, que destruiu Fukushima e reviveu o pesadelo de Chernobil (o maior desastre nuclear da história, que fez quatro mil vítimas na Ucrânia, em 1986), levou o mundo, mais uma vez, a dar as costas às centrais. Japão, Alemanha e Suíça decidiram abandonar projetos nucleares.

Enquanto retomava Angra 3, o Brasil chegou a mapear outras áreas do território nacional, principalmente no Nordeste, para receber novas usinas. O plano esbarrou na (in)capacidade orçamentária da União; na expansão da matriz renovável, em particular dos parques eólicos; e, por fim, no envolvimento do almirante Othon Luiz

Pinheiro da Silva, então presidente da Eletronuclear, no escândalo de corrupção da Operação Lava-Jato no Rio. A construção foi interrompida em 2015, com 65% das obras civis e 58% dos investimentos globais concluídos. No ano passado, Moreira Franco, agora preso, liderou discussões para retomada em parceria com investidores privados.

Em fins de janeiro, o atual ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, disse que o governo Jair Bolsonaro verificava a viabilidade econômica de inaugurar Angra 3 em 2026. Cinco empresas já teriam manifestado interesse no projeto. Um mês atrás, o governador do Rio, Wilson Witzel, recebeu o presidente da Eletronuclear, Leonam dos Santos Guimarães, para tratar da retomada. O estado estimou que a cada R\$ 1 investido na usina receberia R\$ 1,57 em arrecadação de impostos, geração de emprego e crescimento econômico. O capítulo de ontem é o mais recente a engrossar o rol de equívocos, prejuízos e fracassos de um projeto que nasceu gigante e, com o tempo, se apequenou.